



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
visita às obras da ThyssenKrupp – Companhia Siderúrgica do Atlântico  
Santa Cruz – Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2008**

Meu companheiro, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Companheiros ministros de Estado que me acompanham nesta viagem, Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Senhor Karl Köhler, presidente da ThyssenKrupp,

Meu companheiro Luis Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputado estadual Jorge Picciani, presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro, senador Marcelo Crivella,

Deputados federais, Alexandre Santos, Carlos Santana e Sandro Matos,

Senhor Aristides Coberllini, diretor-presidente da ThyssenKrupp S.A., em nome de quem quero saudar toda a diretoria do grupo ThyssenKrupp,

Meu companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Companheiros e companheiras, secretários e secretárias do governo do estado do Rio,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa, presidente da Firjan,

Meu caro José Carlos Martins, diretor-executivo da Companhia Vale do Rio Doce,

Senhora Rosana Kelly, do curso técnico de processo siderúrgico do Senai, que falou aqui com vocês, e o nosso companheiro Paulo Roberto Dias, companheiro operário que falou aqui com vocês, nervoso como todo mundo que fala pela primeira vez na frente do microfone.



Eu estava vendo ele falar aqui, e eu me lembrei, Sérgio Cabral, que a primeira vez que eu fui fazer um discurso, a minha perna tremia tanto que eu tive que me sentar, porque não agüentava ficar de pé. E isso acontece com todo mundo.

Eu queria dizer uma coisa para vocês, do fundo da minha alma. Quando eu vejo uma cena como esta, eu me lembro dos momentos da minha vida em que eu fazia assembléias na porta das empresas no ABC, às 5h da manhã, para 40 mil pessoas na porta da Volkswagen, para 20 mil na porta da Ford, para 18 mil na porta da Mercedes. Aquele foi um momento muito importante, porque foi a consolidação da conquista da democracia no nosso País.

A democracia era muito discutida, o Geisel inventou a democracia lenta e gradual, mas quando os trabalhadores brasileiros resolveram levantar a cabeça, sair para a rua e dizer: “nos existimos”, a democracia ganhou uma nova dinâmica, e nós pudemos conquistar essa, que é a palavra mais importante na vida da humanidade, que é liberdade. Liberdade de expressão, liberdade de comunicação e liberdade de ir e vir.

Por conta dessa democracia, um torneiro mecânico que jamais imaginou ser dirigente sindical, que jamais imaginou ser vereador, que jamais imaginou ser filiado a um partido político, jamais imaginou – não passava pela minha cabeça ser presidente da República – esse metalúrgico que não queria ser sindicalista, nem vereador, nem filiado a partido, é hoje o presidente da República desta extraordinária nação chamada Brasil, tantas vezes desprezada pelos seus próprios governantes.

E mais animado eu estou quando vejo um empreendimento como este e vejo trabalhadores vestindo seus uniformes, companheiros estudando para se aperfeiçoar. Eu queria dizer ao presidente do grupo ThyssenKrupp, nosso companheiro Köhler: o maior patrimônio que você leva deste País é uma lição de vida que você vai ter. Eu ainda espero que você possa dizer isso num pronunciamento, quando a empresa estiver funcionando: é que não existe, na



face da Terra, trabalhador mais versátil e mais criativo do que o trabalhador brasileiro. Esse é o maior patrimônio que Sérgio Cabral, como governador, e eu, como presidente, poderemos oferecer a qualquer investidor estrangeiro que queira investir no Brasil. Eu tenho depoimentos às dezenas, de empresários estrangeiros, que depois de estarem funcionando no Brasil por dois ou três anos, me dizem textualmente, empresas que têm 157 plantas espalhadas pelo mundo, algumas alemãs, inclusive: “de todas as plantas que a gente tem no mundo, o trabalhador mais criativo e o mais produtivo é exatamente o trabalhador brasileiro”.

Esse é um patrimônio que nós precisamos recuperar e dizer a toda hora, porque muitas vezes a gente só vê desgraça na imprensa, muitas vezes a gente só vê notícia de que um bandido matou o outro, de que tem uma bala perdida, de que tem mais não sei das quantas. Mas uma foto como esta mostra claramente que 99% do povo brasileiro é gente boa, é gente honesta, gente decente, que tem família e que quer trabalhar.

Essa menina que prestou depoimento aqui e que é mãe solteira... Isso aqui é uma oportunidade e o ser humano vive à procura de oportunidades. Se o Estado não oferece, se as empresas não oferecem, se as prefeituras não oferecem, o crime organizado oferece, a bandidagem oferece. Então, tem que ser uma disputa constante do Estado brasileiro fazendo aquilo que tem que fazer. E é por isso que na semana que vem estarei outra vez com o Sérgio Cabral, aqui no Rio de Janeiro. Não vamos fazer uma intervenção com a polícia, não, nós vamos visitar o Complexo do Alemão, vamos visitar Manguinhos, vamos visitar a Rocinha para levar investimentos de milhões e milhões de reais para fazer casa, escola, rua, hospital, água e esgoto. Se porrada educasse as pessoas, bandido saía da cadeia santo. O que educa as pessoas são oportunidades, são gestos de solidariedade, é as pessoas acreditarem que amanhã terão oportunidade.

Por isso, meu caro Köhler, leve para a Alemanha duas informações.



Quando terminar o nosso governo em 2010, nós teremos neste País mais 10 universidades federais novas, construídas em oito anos. Além das 10 universidades federais novas, nós teremos 48 extensões universitárias espalhadas pelo interior do País. Ainda mais: quando terminar 2010, nós vamos ter 214 escolas técnicas profissionais a mais. Em 93 anos, todos os governos que passaram pelo Brasil, de 1909 até 2003, fizeram 140 escolas técnicas, em 93 anos. Em oito anos nós vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais, para o nosso povo poder ter oportunidade. Sabe por que, senhor Köhler? Eu sei o que é o valor de um trabalhador sem carteira profissional com profissão, e o de um trabalhador com profissão. Eu sei o que é uma profissão, porque graças a uma profissão eu fui o primeiro filho a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro. Se as pessoas não têm profissão, as oportunidades são diminutas. No Brasil, durante tantas décadas, não se investiu na educação adequadamente, porque parece que as pessoas que governavam já tinham tido a sua oportunidade, para que dar oportunidade aos outros? E eu, como não tive diploma universitário e sei por que eu não tive diploma universitário, porque com 14 anos tive que ir para uma fábrica trabalhar, eu quero dar para os trabalhadores brasileiros a oportunidade que os governantes não deram a mim, na época em que eu tinha 18 ou 19 anos.

Vocês estão lembrados o que eu dizia e vou dizer uma coisa agora. Quando a gente estava fazendo assembléia na porta da fábrica, que começava a gorar e os companheiros começavam a ir embora, eu falava: escuta aqui, alguém é feito de açúcar? Alguém vai derreter? Alguém vai ter medo de um pouquinho de chuva? Não. Então, companheiros e companheiras, vocês estão lembrados do que eu disse em 2003: qualquer governante deste País pode errar. Se ele errar, depois ele vai sair do governo, vai passar oito meses na Europa estudando, vai dar aula não sei onde e depois entra outro que erra. Eu dizia: eu não posso errar. Por que eu não posso errar? Porque eu tenho



consciência de que, ao deixar a Presidência da República, os meus amigos verdadeiros são o conjunto dos trabalhadores brasileiros, que me ajudou a chegar à Presidência da República.

Quando eu sair da Presidência da República, não vou para Paris ou para Londres, eu vou voltar para São Bernardo, morar a 800 metros do sindicato. É por isso que eu queria dizer para vocês: graças a Deus, o Rio de Janeiro elegeu um companheiro como o Sérgio Cabral, com quem a gente pode conversar como companheiro, com quem a gente pode fazer acordo, que a gente sente sinceridade na cara da pessoa quando a gente conversa. O Rio de Janeiro, na verdade, perdeu quatro anos, porque a gente não tinha sequer como fazer acordos aqui no Rio de Janeiro.

Esse projeto da ThyssenKrupp é apenas o começo. No dia 31 de março eu e Sérgio Cabral, estaremos em Itaboraí, começando a terraplanagem do maior pólo petroquímico da América Latina, que é o Comperj, para gerar mais empregos, mais oportunidades de trabalho, mais renda e mais gente cuidando da sua família.

Sérgio, que Deus te abençoe e que Deus abençoe todos vocês. Parabéns, ThyssenKrupp. Parabéns, Rio de Janeiro, e parabéns, trabalhadores brasileiros. Um abraço.

(\$211A)